

## **Vulnerabilidade e resistência periférica: uma etnografia das margens em Pelotas-RS**

VERIDIANA MACHADO ROSA OLIVEIRA<sup>1</sup>; LOUISE PRADO ALFONSO<sup>2</sup>;  
FRANCISCO PEREIRA NETO<sup>3</sup> FLAVIA MARIA SILVA RIETH<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas 1 – [veridiana.machadoantropologia@gmail.com](mailto:veridiana.machadoantropologia@gmail.com) 1

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [louiseturismo@yahoo.com.br](mailto:louiseturismo@yahoo.com.br) 2

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [francisco.fpneto@gmail.com](mailto:francisco.fpneto@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – [riethuf@uol.com.br](mailto:riethuf@uol.com.br)

### **1. INTRODUÇÃO**

Este artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre minha pesquisa de mestrado: “A negritude pentecostal: uma etnografia na periferia de Pelotas-RS”. O trabalho foi estruturado em três eixos centrais: periferia, pentecostalismo e negritude. Analisados através da etnografia como marcadores sociais, esses eixos revelaram-se fundamentais para observar e compreender como diferentes formas de opressão encontram maneiras de se exercer e se perpetuar.

A escolha deste trabalho se relaciona com o tema que venho desenvolvendo no doutorado, compreendendo-o como parte de um processo de continuidade de minhas pesquisas desde a graduação. Neste sentido, o retorno ao tema do mestrado tem colaborado para um aprofundamento e para a construção de novas perspectivas para análises futuras.

Sem me desfazer da importância e dimensão dos eixos, neste artigo a periferia torna-se o tema central. Para se compreender a formação das periferias da cidade deve-se considerar o histórico escravagista no qual se insere a cidade de Pelotas (ALFONSO et al, 2019), sendo as periferias da cidade a consequência de um pós-abolição sem políticas reparatórias, sendo até hoje, ocupadas em sua maior parte por pessoas negras e pobres. Procuro neste texto, mostrar pelo viés da antropologia urbana, que a cidade não é apenas o lugar onde as práticas sociais ocorrem, mas também o resultado de intervenções ou modificações propiciadas por diferentes atores (poder público, corporações privadas, associações, grupos de pressão, moradores/as, visitantes, equipamentos, rede viária, mobiliário urbano, eventos, etc.), em uma complexa rede de trocas (MAGNANI, 2013 p.12).

A etnografia que realizei teve como universo a periferia em Pelotas, me permitiu observar esta complexidade entre paisagem e atores na prática, revelando que a periferia deve ser entendida para além do seu espaço geográfico, mas também como espaço de relações sociais, dinâmicas de poder, práticas culturais e formas de resistência, como veremos a seguir.

### **2. METODOLOGIA**

Para a realização deste trabalho, visitei meu diário de campo (2022; 2023), do qual utilizei alguns registros de observação participante, observação flutuante e entrevistas. Voltei também a minha dissertação de mestrado, para usá-la como base nos resultados e discussões. Bem como, os exemplos etnográficos aqui apresentados. Revisitei a bibliografia utilizada na dissertação, relendo textos fundamentais que sustentaram metodologicamente e teoricamente a pesquisa.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A etnografia das margens (AGIER, 2015) busca estudar os grupos e espaços marginalizados, oferecendo visibilidade a práticas e relações frequentemente ignoradas por abordagens que fortalecem estigmas, estereótipos e preconceitos. Neste sentido, a periferia onde ficam localizadas as duas igrejas em que realizei a pesquisa de mestrado foi considerada em toda sua dimensão material e cultural a fim de possibilitar uma compreensão mais ampla desses espaços.

Durante uma atividade proposta por uma disciplina, precisei realizar campo também durante o dia, já que as reuniões religiosas observadas e participadas aconteciam durante a noite. No exercício de observação flutuante (PÉTONNET, 2008) proposto me dispus em atenção para conhecer e reconhecer o espaço onde noventa e nove por cento dos pentecostais que frequentam as igrejas residem.

Nesse dia, entrei em uma rua, que tinha na esquina uma placa que indicava uma reciclagem. Na caminhada pela lateral com a intenção de observar mais o lugar, avistei “cinco casas” (DIÁRIO DE CAMPO, 2022), estas eram feitas de partes de moveis,

Continuei andando perplexa com o que estava descobrindo, pois embora o lugar seja periférico as casas em sua maioria são de alvenaria. Estas eram feitas de partes de moveis (portas de armários de cozinha, guarda-roupa, cabeceira de cama...), somente uma delas tinha janela, consegui identificar o lugar por onde se entrava, eram portas improvisadas em quatro delas um adulto de altura mediana precisaria se encurvar para entrar (DIÁRIO DE CAMPO, 2022).

No caso específico desta rua, as casas eram construídas do mesmo material, no restante do bairro, casas de madeira, mas em sua maioria de alvenaria, a maior parte percebia-se reparos a fazer.

A ruas por onde transitam, pessoas, motos, bicicletas, carros, ônibus, caminhões e animais, em sua maioria não possuem calçadas. Nas poucas que existem, percebe-se que foram construídas pelos próprios moradores e moradoras, devido a vulnerabilidade destas estruturas, não podem ser usadas como recuo seguro para evitar acidentes pelos pedestres. A infraestrutura apresenta-se limitada, com ausência ou precariedade, redes de esgoto incompletas e asfalto em condições ruins ou a falta dele.

Estas características mostram um panorama das condições materiais do bairro. A paisagem, neste caso, não fica somente por conta dos atores sociais (MAGNANI, 2013) que criam estratégias para construções de suas moradias, mas também pelo poder público, que não cumpre sua parte em possibilitar um espaço seguro. Esta segurança não está relacionada somente a física, mas também à saúde, já que faltam redes de esgoto e saneamento básico, favorecendo doenças inclusive epidêmicas. É importante considerar, também, a questão histórica de desigualdade social (NETO, 2017). No caso das populações periféricas de Pelotas, esse período remonta ao período das charqueadas, quando houve grande contingente de pessoas escravizadas (AL ALLAM, 2008, GRILLO, 2020). Após a abolição, as pessoas negras permaneceram na localidade, dando continuidade a uma população negra (ALFONSO, et al, 2019). Seguimos com a ideia de pensar o histórico de desigualdade social de Francisco Pereira Neto (2017), que aponta que a população é tratada com diferentes graus de cidadania, quem tem maior poder aquisitivo recebe serviços públicos de melhor qualidade, enquanto os de menor renda tem serviços precários.

O que pretendemos afirmar é que o nível de investimento público depende da produção social dos cidadãos, da hierarquia estabelecida por padrões culturais que definem a possibilidade de maior ou menor “merecimento” no acesso aos benefícios públicos. Portanto, a capacidade que uma

coletividade tem em colocar seus atributos como superiores definem os critérios de propriedade para se ter os direitos aos bens públicos. É uma questão política (NETO, 2017, p.108).

Essa diferença de tratamento, torna-se evidente no relato da esposa do pastor João Carlos, que depositava esperança de que o canal com mal cheiro em frente à igreja fosse, finalmente, fechado com a construção de empreendimentos de alto padrão do outro lado. Isso porque os inúmeros pedidos já feitos pelos moradores e moradoras da área periférica foram ignorados.

O reflexo da precariedade da infraestrutura externa, aparece no interior das residências. Apesar da vulnerabilidade existe criatividade e arranjos para superar dificuldades.

Na casa de Dona Hildete, “todos os móveis e utensílios que estavam na minha visão, tinham aspectos muito desgastados, enferrujados, descascando a tinta, faltando portas ou portas mal fechada” (OLIVEIRA, 2024, p.47). A cadeira que me foi oferecida para sentar tinha uma almofada, pensei em ser para ajudar no conforto já que consegui sentir o assento ruim. Porém, com o pulo do cachorro no meu colo descobri que almofada e a cadeira eram dele.

Taís, mãe solo que trabalha fora, várias vezes adiou nossa entrevista. No dia em que finalmente conseguimos conversar, depois de terminar a reunião das mulheres percebi que o que impedia que me recebesse é que ela não tinha cadeira em casa. Na conversa com outras mulheres contou ter comprado duas cadeiras e faceira disse: “agora eu tenho onde sentar” (DIÁRIO DE CAMPO, 2023).

A observação feita na casa de Dona Hildete e a situação vivenciada com Taís, não são apenas ausências, mas também produtos culturais, resultados sociais e históricos que moldam a forma de viver na periferia (NETO, 2017).

E dentro deste contexto, percebemos as fronteiras criativas (NETO, 2017): o vidro de Nescafé que virou saleiro ou açucareiro, a cadeira do cachorro oferecida a mim, a estratégia de adiar entrevista até que se tivesse um lugar para sentarmos e conversar, o sofá descartado na calçada usado para sentar enquanto interagem. Assim, se formam e estabelecem redes de sociabilidades, que se estendem a grupos que conversam nas esquinas, adolescentes que descem do ônibus conversando e, em determinado momento, cada um entra em uma casa, como quando a vizinha me avisou, depois de três batidas de palma que Dona Hildete não estava. Esses exemplos revelam a dimensão cultural e social do espaço urbano, mostrando como a falta de recurso interfere na interação (como no adiamento da entrevista) e como os arranjos improvisados, como o reuso de materiais, driblam estas dificuldades.

#### 4. CONCLUSÕES

A partir da análise das residências e do bairro periférico em apreço, percebe-se que as desigualdades estruturais estão tanto no espaço público, quanto no interior das casas. Mesmo diante destas dificuldades, os moradores e moradoras, inventam e reinventam a maneira como habitam. Isso nos mostra que a vulnerabilidade e a criatividade coexistem e estão intrínsecas na periferia.

A população periférica, em grande parte negra e descendente dos escravizados das charqueadas, enfrenta o descaso do poder público, enquanto as pessoas dos novos empreendimentos representam a esperança para a fechada do canal. Esta diferença mostra que a cidade é produzida socialmente e que os espaços são meros reflexos da hierarquia e da situação econômica.

A etnografia das margens (AGIER, 2015), mostrou-se eficaz, pois não denuncia somente a invisibilidade ou mostra as precariedades, mas também destaca a resistência, a criatividade, a esperança, a força e as redes de sociabilidades criadas nas relações de vizinhança, fortalecidas não somente no sofá, mas nas conversas nas esquinas, na descida em dupla do ônibus ou no andar de bicicleta em fila dupla para conversar.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade: O antropólogo, a margem e o centro. **Mana**, [s. l.], v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n3p483>. Acesso em: 28 ago. 2024.

AL-ALAM, Caiuá Cardoso. **A negra força da princesa**: polícia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857). Pelotas: Sebo Icária, 2008.

ALFONSO, Louise Prado; RIETH, Flavia; SILVA NETO, Francisco Luiz Pereira; ÁVILA, Carla Silva de; BITTENCOURT, Hamilton; CARDOSO, Ailton Rodrigues; CASTRO, Camila Machado; OLIVEIRA, Daiana Oliveira Félix de; LIMA, Daniel Vaz; FREITAS, Gisa Soares de; RUCHAUD, Guilherme Galdo; RODRIGUES, Guilherme; BRASIL, Helenira Goularte; ALMEIDA, Isadora; RODRIGUES, José Francisco; DOMENEGUETI, Juliano Gomides; DUARTE JUNIOR, Luiz Augusto Fonseca; DODE, Marcela dos Santos; RODRIGUES, Marta Bonow; FERREIRA, Martha Rodrigues; SILVA, Mateus Fernandes da; SILVEIRA, Melina Monks; FERNANDES, Paola; FREITAS, Paulo Brum; DUARTE, Renata; ACEDO, Rodrigo; SANTOS, Shirley dos; MATHIAS, Simone Fernandes; COSTA, Vanessa Avila; PREVITALI, Wagner Ferreira. Pedido de Reconhecimento da Comunidade Tradicional de Terreiro Caboclo Rompe Mato Ile Axé Xangô e Oxalá (CBTT), Pelotas/RS. Pelotas: UFPel, 2019

GRILLO, Yuri Zivago Yung. **Arqueologia do Capitalismo em Pelotas: um estudo da cultura material do Século XIX**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro, cá e lá: seguindo trajetos, construindo circuitos. **Anuário antropológico** [Online], v. 38, n. 2, p. 53-72, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/aa.526>. Acesso em: 29 ago. 2024 Livro

NETO, Francisco Pereira. Observar a cidade e seus habitantes: A contribuição da etnografia. **Revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade** Pelotas, v.1. n.3, primavera de 2017.

OLIVEIRA, Veridiana Machado Rosa. **A negritude pentecostal: uma etnografia sobre pessoas negras, na periferia de Pelotas – RS**. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

PÉTONNET, Colette. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica**, Niterói, n. 25, p. 99-111, 2008.